UFRJ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM LETRAS VERNACULAS

DIADORIM

Revista Diadorim
e-ISSN: 2675-1216
v.25, n.2, e64422, 2023
DOI: 10.35520/diadorim.2023.v25n2a64422

Dossiê

Estudo sobre a flexão de gênero no guineense: resultados prévios do projeto Atlas Linguístico de Guiné-Bissau – ALGB

Study on Gender Flexion in Guinease: Previous Results of the Guinea-Bissau Linguistic Atlas Project – ALGB

João Fernando Cá[1]

Valter Pereira Romano[1]

[1] Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil
Emails: joaobale1992@gmail.com; valter.pereira.romano@gmail.com

Editora-chefe
Marcia dos Santos Machado Vieira

Recebido: 19/06/2024
Aceito: 15/05/2025

Como citar:
CÁ, João Fernando; ROMANO, Valter Pereira. Estudo sobre a flexão de gênero no guineense: resultados prévios do projeto Atlas Linguístico de Guiné-Bissau – ALGB. *Revista Diadorim,* v.25, n.2, e64422, 2023. doi: https://doi.org/10.35520/diadorim.2023.v25n2a64422

Resumo

Este artigo apresenta resultados parciais sobre a flexão de gênero na língua guineense falada no território da Guiné-Bissau, África. Os dados referem-se ao corpus da língua falada por 36 informantes, estratificados segundo sexo, faixa etária e escolaridade, que perfazem a amostra do banco de dados coletados em oito localidades do país (Cacheu, Biombo, Bissau, Oio, Quinará, Tombali, Bafatá e Gabú) para elaboração do Projeto Atlas Linguístico de Guiné-Bissau, em andamento. Trata-se de uma pesquisa pautada na Geolinguística (Cardoso, 2010) e na Dialetologia Pluridimensional (Thun, 1998) e apresenta resultados em cartas linguísticas com evidências de uma possível mudança linguística no que tange ao fenômeno variável em pauta e a sua correlação com a variação diastrática, diageracional e diassexual.

Palavras-chave

Guiné-Bissau; atlas linguístico; flexão de gênero.

This content is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0 International License.

Abstract

This article presents partial results on gender flexion in the Guinean language spoken in the territory of Guinea-Bissau, Africa. The data refer to the corpus of the language spoken by 36 informants, stratified according to gender, age group and education, which make up the database sample collected in eight locations in the country (Cacheu, Biombo, Bissau, Oio, Quinará, Tombali, Bafatá and Gabú) to prepare the Guinea-Bissau Linguistic Atlas Project, currently underway. This is research based on Geolinguistics (Cardoso, 2010) and Pluridimensional Dialectology (Thun, 1998) and presents results in linguistics charts with evidence of a possible linguistic change regarding the variable phenomenon in question and its correlation with diastratic, diagenerational variation and diasexual.

Keywords

Guinea-Bissau; linguistic atlas; gender bending.

Introdução

A república da Guiné-Bissau é um país com uma superfície territorial de apenas 36.125 km². O país faz fronteira política na sua parte norte com a República do Senegal, no sul e leste com a República da Guiné-Conacri, ao oeste limita-se com o Oceano Atlântico (Scantamburlo, 1999).

Como em grande parte do continente africano, a Guiné-Bissau, contudo pequeno em sua superfície territorial, é um país com enorme emaranhado linguístico e grupos étnicos distintos. Nesse país, cada grupo étnico possui sua língua própria e costumes distintos uns dos outros. Entretanto, o guineense é uma língua, no meio de outras, com a qual a população mais se identifica e usa para sua comunicação diária e cuja relevância se sobrepõe sobre outras línguas presentes nesse território, incluindo a língua oficial do país, o português, tida como herança colonial.

A língua guineense, assim como toda língua falada (Dewulf, 2014), surgiu por meio do contato entre línguas (português e línguas dos grupos étnicos do espaço onde é hoje a atual Guiné-Bissau), neste caso como resultante da expansão marítima europeia do século XV. Ela surgiu da necessidade de haver uma língua comum que servisse da comunicação entre os diversos grupos locais com os europeus, especialmente os portugueses.

Com o propósito de participar e realizar as trocas comerciais, religiosas e culturais com os recém-chegados em seu território, os antepassados guineenses usaram seu novo e pouco conhecimento da língua dos viajantes portugueses misturando-o com suas línguas maternas e, com o passar do tempo, essa mistura deu-se numa nova

forma de falar que foi-se consolidando de grupos em grupos e de geração em geração até se transformar numa nova língua, que hoje se chama o guineense, conhecido de modo geral e estigmatizado (Cá, 2021) como "crioulo" da Guiné-Bissau.**1**

A documentação linguística do guineense ainda é escassa e se reduz aos poucos trabalhos como, por exemplo, Bull (1989), Couto (1989; 1996), Scantamburlo (1999), Scantamburlo (2013), Intumbo (2007). Este estudo apresenta os resultados parciais do primeiro atlas linguístico em desenvolvimento no continente africano, cujo objetivo é documentar por meio de cartas linguísticas a diversidade linguística de Guiné-Bissau.

Para discussão dos resultados, foi escolhido um fenômeno morfossintático que evidencia traços interessantes sobre a variação e mudança linguística no país, o caso da flexão de gênero. Para tanto, selecionam-se as respostas obtidas para duas perguntas do Questionário Morfossintático: a pergunta 08 "Alguin ku bu ta ndianta ku el, matchu, bu ta fala djintis el i bu ke"? (A pessoa com quem você anda, e é homem, você fala para pessoas que ele é o seu?)**2** e a pergunta 09 "Si i sedu femia gora, kuma kubu ta fala"? (Se é mulher, como você fala?).

Além desta seção introdutória, o artigo conta com uma breve discussão do referencial teórica a respeito da origem e evolução da nossa língua em questão. A esta seção, seguem-se os materiais e métodos que norteiam o trabalho. Na seção descrição e análise dos dados foram apresentados os resultados parciais e respectiva discussão e correlação com outros estudos. Por fim, seguem-se as considerações finais e as referencias bibliográficas.

Fundamentos sobre a origem do guineense e sua evolução

Há teorias levantadas pelos estudiosos para explicar o surgimento do guineense. Dentre esses estudiosos, uns são linguistas e outros não. As duas principais teorias, que Rougé (1986) chama de parciais, são a do Naro (1978) e a do Carreira (1972).

De acordo com Naro (1978), o guineense e outras línguas chamadas "crioulos" da Costa Oeste africana são provenientes de um pidgin português, chamado por ele de *linguagem de reconhecimento*, que era usado entre brancos e pretos em Portugal no século XV, especificamente a partir de 1440, pouco antes da expansão marítima europeia. Portanto, ele nega o fato de que essas línguas têm sua origem por meio dos primeiros contatos comerciais dos portugueses e africanos na África (Rougé, 1986).

---

[1] Para uma visão crítica sobre o nome de uma língua, confira Cá (2021).

[2] Considerando que o guineense é uma língua ágrafa, adota-se uma ortografia não oficial para transcrição de trechos de fala das entrevistas, sejam nas perguntas do inquiridor, sejam nas respostas dos informantes.

Rougé (1986, p. 30-31) contesta essa teoria do Naro, principalmente quando mostra que os africanos levados para aprender o português e depois servirem de intérpretes não o aprenderam, "enquanto certas indicações mostram que, menos de um século depois **da chegada dos europeus na África**, [grifo nosso], africanos falavam corretamente essa língua". O linguista vai além ao afirmar que a linguagem de reconhecimento citado por Naro é um estereótipo de como o europeu pensava a linguagem de um africano, presente na literatura portuguesa dos séculos XV e XVI. "Enfim, pode-se lamentar a ausência, no texto de Naro, de uma explicação linguística da passagem da linguagem de reconhecimento-pidgin ao crioulo" (Rougé, 1986, p. 31).

Outra teoria do surgimento do guineense é a do António Carreira (1972). Nessa teoria, além de Carreira, muitos pesquisadores (entre eles vários cabo-verdianos) expõem que o guineense teria surgido em Cabo-Verde e depois levado para a Guiné-Bissau, de onde foi modificado de acordo com a realidade local ganhando nova vida, dando origem a uma nova língua, o guineense. Defendendo sua teoria, esses autores, cujo principal expoente é Carreira (1972), assinalam para a semelhança dessas duas línguas, principalmente do guineense e da variedade do cabo-verdiano da Ilha de Santiago.

Segundo Carreira (1972 *apud* Rougé, 1986, p. 32), essa língua é resultante "dos contactos mais prolongados e assíduos entre os reinóis estantes em Santiago e no Fogo com os escravos trazidos da costa". Surgiu da necessidade de haver uma língua com qual todos possam se comunicar em suas relações, já que falavam línguas distintas. "[...] Do resto é evidente que a formação de um meio de comunicação entre brancos e pretos, que servisse ao mesmo tempo entre estes últimos, era mais lógico e simples do que uso de várias línguas" (Rougé, 1986, p. 31). Depois de formado, o cabo-verdiano teria sido transportado para Guiné por seus falantes mistos dos europeus e africanos e por pretos-forras a serviço dos portugueses. Outro argumento que sustenta essa teoria seria a de que há falta de uma influência notadamente africana no cabo-verdiano (Rougé, 1986, p. 31-32).

Para refutar a teoria de Carreira sobre o guineense ter surgido do cabo-verdiano, Rougé fez duas observações importantes: põe dúvida sobre como "os mulatos e pretos-forras", falantes do cabo-verdiano, serviriam de intermediários entre portugueses e "africanos não aculturados" do continente que não falavam essa língua. O linguista foi mais adiante ao afirmar que o problema está no fato do Carreira, por não ser estudioso da língua, não saber "o que é um crioulo, não conhece a diferença entre um pidgin e um crioulo" (Rougé, 1986, p. 32).

Neste artigo, julga-se desnecessária a polêmica alimentada por muito tempo nas sociedades falantes destas duas línguas sobre suas origens. O que realmente importa é que são duas línguas distintas com muitas semelhanças (assim como as línguas românicas são), formadas e desenvolvidas em sociedades diferentes, que desempenham um importantíssimo papel nas sociedades em que são faladas.

O guineense teve sua origem alguns anos depois da Expansão Europeia do século XV, expansão que deu nas denominadas "viagens das descobertas". Esta denominação, como o habitual, baseia-se na visão de mundo europeia, portanto questionável, pois não se descobre terras ou lugares que já haviam habitados há muitos séculos antes.

Para estabelecer relação comercial, cultural e religiosa entre os portugueses e africanos encontrados na costa, havia a necessidade de se comunicar numa língua comum a todos, que tornaria mais fluido tal intento, devido às dificuldades comerciais com que se deparavam por causa das barreiras linguísticas, que sempre geravam um fracasso nessa relação de troca por causa da comunicação (Rougé, 1986; Bull, 1989; Scantamburlo, 1999).

De acordo com Hlibowicka-Weglarz (2006, p. 152 *apud* Timbane; Cátia, 2018, p. 115), "os crioulos surgiram como consequência de apaziguar o caos linguístico do qual se verificava na altura, resultante da expansão marítima". No entanto, ela não só serviu para tal propósito. O seu uso, com o passar do tempo, ganhou uma ampla dimensão e passou a configurar-se como língua de unidade entre grupos sociais e étnicos diferentes, ganhando assim a projeção da língua, no meio de outras nesse território, mais expressiva do país, utilizada até nos confins da Guiné-Bissau.

Quando acontece uma situação em que certo grupo de falantes é obrigado a falar uma língua até então desconhecida, esses falantes, uma vez adultos, fazem uma grande redução no sistema linguístico da língua a qual são obrigados a falar por diversos motivos. Nota-se essa redução, sobretudo, no sistema gramatical, passando-se entre as gerações e entre o colonizador e colonizado num processo de transmissão linguística irregular - TLI (Lucchesi; Baxter, 2009).

No TLI, "o africano encontrava-se na situação de quem aprende uma língua estrangeira em contato (sem professor, sem método), adquirem um saber interpretando o que ouvem dizer à roda deles, embora muitas vezes a interpretação seja errada" (Rougé, 1986, p. 36). Rougé (2005, p. 7), aponta que a aquisição informal do português por parte dos africanos se deu mediante

> estratégias que não privilegiam a aquisição linguística mas sim a comunicação, a principal operação linguística consiste primeiro em delimitar, nos discursos ouvidos, unidades, e atribuir às mesmas um sentido e um mínimo de funcionamento gramatical, e depois em memorizar essas unidades.

À medida que o tempo passa e quando começaram a nascer as primeiras crianças, e com a aderência cada vez maior ao comércio que juntava os dois grupos (africanos e europeus), seja com lançados nas aldeias adentras como nos interpostos comerciais e nas praças portuguesas, o *pidgin* português já estava no processo de nativização, ampliando a sua área de comunicação, consolidando seus vocábulos e estrutura gramatical, ganhando a maior força no momento em que "as primeiras crianças foram educadas nessa língua. É esse processo de complexificação, de estruturação, de alargamento, que chamamos crioulização, pois o seu resultado é o surgimento dum crioulo, duma nova língua" (Rougé, 1986, p. 38).

Uma vez formado, o vocabulário do guineense proveio em sua maioria da língua portuguesa e sua gramática origina-se principalmente de línguas africanas locais. "O domínio no qual a natureza profundamente africana do Kriol é a mais evidente, é o da gramática. [...] um léxico português numa gramática africana" (Rougé, 1986, p. 46). "Os africanos pediram emprestadas as palavras como material, mas utilizaram--nas com a sua visão do mundo segundo o seu modo de representação da realidade" (Rougé, 1986, p. 48).

Baseando nos estudos de Barros (1897-1899, 1900, 1907), Rougé (1986) citou estas duas primeiras variedades do guineense: a *variedade intramuros* e a *variedade extramuros*. A *variedade intramuros*, também chamada na época de "*Kriol kriston*" (crioulo dos assimilados), é a forma de falar o guineense dentro dos muros das praças portuguesas pelos assimilados. Esta variedade é a que possui na época muitos elementos da língua portuguesa. A *variedade extramuros*, chamada de "*Kriol grumete*", é a que era falada pelos grumetes fora dos muros das praças portuguesas. Ela é a variedade que possui muito os elementos das línguas africanas, falada pelos africanos auxiliadores dos portugueses que não abandonaram suas línguas e culturas. O desenvolvimento da sociedade fez desaparecer estas duas variedades no começo do século XX.

Com seu desaparecimento, de acordo com Rougé (1986), as variedades *Kriol grumetes* e *Kriol kriston* foram substituídas pelas novas variedades chamadas de *Kriol fundo* (guineense tradicional) e *Kriol lebi* (guineense moderno).

Com a luta da independência e também depois desta o guineense foi amplamente difundida para localidades onde não exercia muito a influência comunicativa, nas zonas interioranas do país. E o guineense, principalmente de Bissau, capital do país, que se tornou atualmente o moderno, desempenhou bem esse papel. Isso também se deve pela saída dos falantes que outrora viviam nas outras regiões do país para a capital Bissau à procura de mais oportunidades. A variedade moderna do guineense falada hoje em toda parte do país, especialmente pelos jovens e escolarizados, conta com uma incansável e rápida influência da língua portuguesa, cada vez maior, conforme ressaltam (Rougé, 1986; Couto, 1989). É este fenômeno o foco deste artigo, que será apresentado, analisado e discutido na seção da análise dos dados.

Fundamentos sobre a flexão de gênero no guineense

A flexão de gênero em línguas africanas ocorre de modo diferente da observada em línguas românicas, por exemplo. Apesar de estudos escassos sobre a temática, observa-se que no guineense moderno o gênero é atribuído por morfemas ou formas presas ao radical, o que o diferencia da sua modalidade antiga.

Em seu artigo *aspectos morfossintáticos comuns ao português angolano, brasileiro e moçambicano*, Petter (2009), entre diversos fenômenos estudados no trabalho, atestou o processo de concordância de gênero nessas três variedades do português e concluiu que, neste caso específico, foi verificada "uma variação maior na manifestação da categoria de gênero" nas duas variedades africanas do português em relação ao português brasileiro (Petter, 2009, p. 208-209). A pesquisadora sugere que tal fato pode ser explicado por influência das línguas maternas desses falantes africanos do português, especificamente as línguas do grupo banto, em que não se especificam a marcação do gênero.

Sedrins e Silva (2017) estudaram o português falado na África, com foco nas variedades do português da Guiné-Bissau, Angola, Moçambique, Cabo-Verde e São Tomé e Príncipe, no concernente à flexão nominal de gênero e de número. Nesta obra, os autores exibiram com exemplos as dificuldades que esses falantes africanos, principalmente adultos, têm em compreender a maneira como funciona a flexão de gênero no português e atribuem tal insucesso à influência de suas línguas maternas africanas. Segundo os pesquisadores, as referidas línguas africanas faladas pelos informantes em questão não possuem diferenças entre gêneros masculino e feminino.

Ressalta-se que tais línguas, com foco específico aqui nas da família Niger-Congo, dos grupos oeste-atlântica e mande (Scantamburlo, 1999), faladas na atual Guiné-Bissau, apesar de não marcarem a flexão de gênero como se faz na língua portuguesa, possuem, sim, a seu modo africano, a diferenciação entre masculino e feminino. Em outras palavras, fazem marcação de gênero de maneira diferente do português, por meio do conceito biológico, através dos adjetivos que indicam o sexo biológico, conforme se pode observar na Figura 1 a seguir, extraído em Cá (2021), nas línguas pepel, mandinga, balanta e mandjaku.

	Guineenses residentes no Brasil				
Tradução em português	Inf. 5 Pepel	Inf. 6 Mandinga	Inf. 7 Balanta	Inf. 8 Mandjaku	Guineense
Filho	Imbuku **nhintch**	Din **kê**	M'bi **lanté**	Abuk **nhínt**	Fidju **matchu**
Filha	Imbuku **nhar**	Din **mussô**	M'bi **nin**	Abuk **nhát**	Fidju **femia**
Irmão	Intchaun **nhintch**	Doma **kê**	Bia-**fá**	Th´mak	Ermon **matchu**
Irmã	Intchaun **nhar**	Doma **mussô**	Bia-**fá**	Th´mak	Ermon **femia**
Avô	Intemu **nhintch**	Mama **kê**	N'ni **lanté**	At´hém **nhínt**	Dona **matchu**
Avó	Intemu **nhar**	Mama **mussô**	N'ni **nin**	At´hém **nhát**	Dona **femia**
Boi	Oit **okal**	Nissi **kê**	Nhari **lanté**	Oít **ukash**	Baka **matchu**
Vaca	Oit **oar**	Nissi **mussô**	Nhari **nin**	Uít **uáth**	Baka **femia**
Cão	Obul **okal**	Ulu **kê**	m'bitna **lanté**	Ubush **ukash**	Katchur **matchu**
Cadela	Obul **oar**	Ulu **mussô**	M'bitna **nin**	Ubush **uáth**	Katchur **femia**

Figura 1 - Resultados da pesquisa de Cá (2001)
Fonte: Cá (2021).

Conforme exposto, as palavras destacadas em negrito nas línguas *pepel, mandinga, balanta, mandjaku* e *guineense* são adjetivos que marcam gênero pelo conceito biológico nessas línguas africanas e correspondem, respectivamente, aos adjetivos *macho/homem* e *fêmea/mulher* em português. Em alguns casos em que não seja necessário o uso destes adjetivos, o contexto nestas línguas pode permitir que o interlocutor compreendesse se se trata do indivíduo do sexo masculino ou feminino.

Estas semelhanças morfossintáticas e outras supõem que línguas africanas possuem características comuns em geral. Isso pode nos levar a concluir que, na época mais remota, existia uma língua africana na qual as atuais se derivaram, essa língua pode ser pensada, por exemplo, como o indo-europeu, na qual derivam muitas línguas europeias atuais. De acordo com Mendonça (2012, p. 65) "línguas sudanesas **das quais algumas contempladas no quadro acima**, [grifo nosso] e bantu coincidem nas características gerais. Daí parte a suposição da existência anterior de um africano comum".

Quanto ao guineense, foco deste artigo, Lucchesi (2009, p. 303), ao se referir ao que ele e outros autores como Kihm (1994), este citado por Lucchesi, chamaram de variedades basiletais do guineense (guineense tradicional ou guineense fundo, se preferir), aponta que nesta língua foi eliminada "completamente a morfologia de gênero encontrada no português. Em Crioulo, os nomes não se flexionam quanto ao gênero, sendo a distinção de sexo entre os seres animados marcada pelos adjetivos 'macho/fêmia'". O linguista ainda exemplifica o referido processo desta maneira: *yermon matcho/yermon femya* 'irmão/irmã' e *gatu matcho/gatu femya* 'gato/gata'.

Couto (1989, p. 116), tratando-se do guineense mais antigo, o tradicional, atesta o processo da marcação do gênero nesta língua e conclui que "no que tange à flexão dos nomes, o crioulo tradicional não a possui nem para o gênero nem para o número", como em português.

Intumbo (2007), comparando o guineense e uma das línguas étnicas africanas da Guiné-Bissau, o balanta, no que concerne à marcação do gênero, concorda com a assertiva de Couto ao afirmar que "nem o crioulo guineense nem o balanta indicam o gênero por meio da flexão. Em vez disso, indicam o sexo natural por via lexical, fazendo seguir ao nome com palavras [neste caso os adjetivos (*grifo nosso*)] matco e femia" (Intumbo, 2007, p. 38), como, por exemplo, *fidju matchu* (filho) e *fidju femia* (filha); *baka matchu* (boi) e *baka femia* (vaca).

Cá (2021), igualmente estabelece uma comparação entre o guineense, e as línguas africanas da Guiné-Bissau e o português. No trabalho, o pesquisador concluiu que no guineense tradicional a marcação do gênero se deve às línguas africanas locais. Portanto, ela não se faz como o é em português, por meio das desinências, a partir de dados empíricos, em consonância às conclusões de Lucchesi (2009). Em vez disso, essa marcação é feita obedecendo ao conceito biológico por meio dos adjetivos *matchu* (macho/homem) e *femia* (fêmea/mulher). Todavia, essa marcação por meio do conceito biológico só se restringe aos seres humanos em geral e alguns animais cujo sexo se denota explicitamente.

Contudo, Cá (2021) ressalta que no guineense moderno, conforme será discutida na questão 009, que se segue, graças à influência da língua portuguesa, houve uma mudança no que se refere à marcação do gênero nesta língua, pelos morfemas desinenciais feminino *–a* e masculino *–o*, atingindo especificamente os seres humanos, e somente eles, mantendo intacta a forma tradicional que se usa para marcar gênero para os animais, por meio do conceito biológico. A título de ilustração, na atual variedade do guineense encontram-se expressões como *mininu bonitu* (menino bonito) e *minina bonita* (menina bonita).

É necessário ressaltar que no guineense, seja antigo quanto moderno, a marcação do gênero não se aplica a certos seres vivos como plantas em geral, peixes e alguns animais como insetos, minhocas etc., pois nesta língua parece entender que não possuem sexo, pelo menos não de forma explícita. Portanto, não se pode dizer *mangu matchu (mangueira (planta) do sexo masculino) e nem *pis femia (peixe do sexo feminino), por exemplo. Com efeito, os substantivos destes grupos dos seres vivos juntam-se, no guineense, com os que denominam objetos e substantivos abstratos em geral e formam o grupo dos substantivos que não são designados pela categoria gramatical, gênero, e nem pelo conceito biológico, sexo, portanto neutros.

Metodologia

Os dados analisados neste artigo pertencem ao banco de dados coletados para elaboração do Atlas Linguístico da Guiné-Bissau, um projeto de tese em andamento na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e concernem à fala de 36 informantes que integram a pesquisa, divididos igualmente em sexo, homens e mulheres, e faixa etária, Faixa I (18-30 anos) e Faixa II (50-65 anos).

O questionário para a coleta de dados foi elaborado seguindo o princípio metodológico do Projeto ALiB (Comitê Nacional do Projeto ALiB, 2001), com adaptações visto que se trata de questionário a ser aplicado num contexto diferente do Brasil. A sua elaboração foi feita também tendo como base o estudo de Cá (2021), que serviu de guia para a elaboração das perguntas que refletem a realidade linguística da Guiné-Bissau e cujas respostas desejam alcançar-se.

A coleta de dados foi *in loco* e em oito regiões do país: ponto 1: Cacheu (região de Cacheu), ponto 2: Biombo (região de Biombo), ponto 3: Bissau (sector autônomo de Bissau, capital do país), ponto 4: Bissorã (região de Oio), ponto 5: Bafatá (região de Bafatá), ponto 6: Gabú (região de Gabú), ponto 7: Buba (região de Quinará) e ponto 8: Catió (região de Tombali), sumarizando oito localidades, sendo entrevistados em cada ponto de inquérito quatro informantes com o máximo o nível secundário da escolarização, o correspondente ao ensino médio aqui no Brasil. Já na capital Bissau, foram entrevistados oito informantes: quatro de nível básico de escolaridade e mais quatro de ensino superior completo.

Para gerar as cartas linguísticas, contamos com apoio da ferramenta computacional e o aplicativo SGVCLin (Romano; Seabra; Oliveira, 2014). Para este artigo, como acima referido, foram selecionados os dados referentes a duas questões do questionário morfossintático (QMS) número 08 "Alguin ku bu ta ndianta ku el, matchu, bu ta fala djintis el i bu ke"? (A pessoa com quem você anda, e é homem, você fala para pessoas que ele é o seu?) e número 09 "Si i sedu femia gora, kuma kubu ta fala"? (Se é mulher, como você fala?). As cartas geradas referentes às questões selecionadas levam em consideração as variáveis idade, sexo, escolaridade.

Descrição e análise dos dados

Questão 08 – Amigu

A questão 08 objetiva documentar a flexão de gênero para apurar as formas variantes em concorrência para "Alguin ku bu ta ndianta ku el, matchu, bu ta fala djintis el i bu ke? (A pessoa com quem você anda, e é homem, você fala para pessoas que ele é o seu?)". Nela, foram coletadas apenas duas formas, a saber: *amigu* (amigo) e *nha kolega* (meu colega), empregadas para denominar o amigo. Esta questão possui uma correlação com a sua subsequente e, para tanto, nossa apresentação e análise dos dados levará esse fato em consideração e a questão 009 nos ajudará a entender esta que está sendo analisada.

O relatório geral aponta que a variante *amigu* é a mais produzida e divulgada atualmente na Guiné-Bissau para indicar a pessoa com quem se anda. Essa forma apresentou 75% da produtividade, um total de 27 ocorrências das 36 esperadas, ao passo que a sua concorrente, *nha kolega*, só possui 2.78% da produtividade, somente 1 ocorrência. Vale notar, contudo, que a resposta prejudicada (RP)**3** foi alta, 22.22%, o que indica 8 no total.

No relatório 1 (Figura 1), com variável sexo, revela que há 15 ocorrências, das 18 esperadas, da variante *amigu* para informantes do sexo masculino, 83.33% da produtividade, 1 ocorrência da variante *nha kolega*, 5.56% da produtividade e 2 respostas prejudicadas, 11.11%. Já para informantes do sexo feminino, essa produtividade de *amigu* caiu para 66.67%, somando 12 ocorrências e é nessa camada em que houve a taxa mais alta das respostas prejudicadas, 6 – 33.33%, todas pertencentes a falantes da faixa II. Entretanto, o índice das respostas prejudicadas nos falantes do sexo feminino e da faixa II poderia ser explicado pela influência dos fatores externos à língua, de natureza sociocultural, conforme será evidenciado e discutido adiante.

Sob o ponto de vista diatópico (Figura 2), apenas em Catió (ponto 8), encontrou-se a única produção da variante *nha kolega* frente à predominância em todos os pontos da *amigu* e com algumas respostas prejudicadas. A produtividade da variante amigu chega a 100% no ponto 7, Buba.

---

[3] Considera-se como RP (Resposta Prejudicada) todas as vezes que, por exemplo, ao serem perguntados, os informantes respondem afirmando não saber (NS) ou não se lembrar (NL) da resposta para a referida questão. Na mesma categoria, entram também todas as respostas que não foram possíveis obter por problemas técnicos (PT). No caso em questão, a RP prejudicada foi considerada como válida para análise, pois revela em alguns casos, de certa forma, informações de cunho sociocultural a respeito do uso de uma ou outra forma.

Geral

Número da questão: 8

Questão Alguin kubu ta ndianta ku el, matchu, bu ta fala djintis el i bu ke? (A pessoa com quem você anda, e é homem, você fala para pessoas que ele é o seu?)

Variantes	Número de ocorrências	%
masculino		
amigu	15	83.33%
RP	2	11.11%
nha kolega	1	5.56%
	18	
feminino		
amigu	12	66.67%
RP	6	33.33%
	18	

Figura 2 – Produtividade geral das variantes amigu e nha kolega por variável sexo.
Fonte: Dados da pesquisa

Quanto à escolaridade, a mesma observação se pode fazer, uma vez que tanto informantes com ensino superior completo, evidenciados no ponto 3, assim como aqueles com até o ensino secundário indicam a preferência para variante *amigu*. Somente um informante do ponto 8, masculino, da faixa II e sem escolaridade, respondeu dizendo *nha kolega*, o que não é suficiente para se concluir que entre informantes mais velhos as duas variantes em pauta estejam em concorrência. Com isso, talvez uma pesquisa futura nos esclareça mais a respeito desse assunto.

Quanto à variáveis faixa etária e estado civil, apesar de não fornecerem informações que se deve dar muita atenção, assim como as duas variáveis já mencionadas, acontece algo interessante nas respostas prejudicadas das informantes femininos da faixa II e cujo estado civil são casadas, sendo necessário analisar esses dados levando em consideração a variável sexo[4]. Todavia, antes de partirmos para observação desta variável, é necessário chamar atenção para a diferença do comportamento, incluindo linguístico, das mulheres casadas ou mesmo das mais velhas em relação àquelas solteiras e mais novas na sociedade guineense, como veremos adiante.

A Figura 3, representada na imagem como carta 2a, mostra com detalhes as ocorrências das variantes no que se refere ao sexo masculino e feminino e, também, nela é possível observar que somente nos pontos 5 (Bafatá) e 6 (Gabú) há respostas prejudicadas dos falantes masculino (cor azul). Do resto, trata-se das mulheres.

[4] Embora o estado civil do informante não tenha sido controlado sistematicamente na coleta de dados como uma variável sociolinguística para seleção de informantes durante a coleta dos dados, essas informações são possíveis de serem resgatadas nas fichas dos informantes que foram preenchidas antes da entrevista. A ficha prevê o campo "estado civil" dentre outras variáveis extralinguísticas que auxiliam o pesquisador na interpretação de alguns resultados, sob a perspectiva qualitativa.

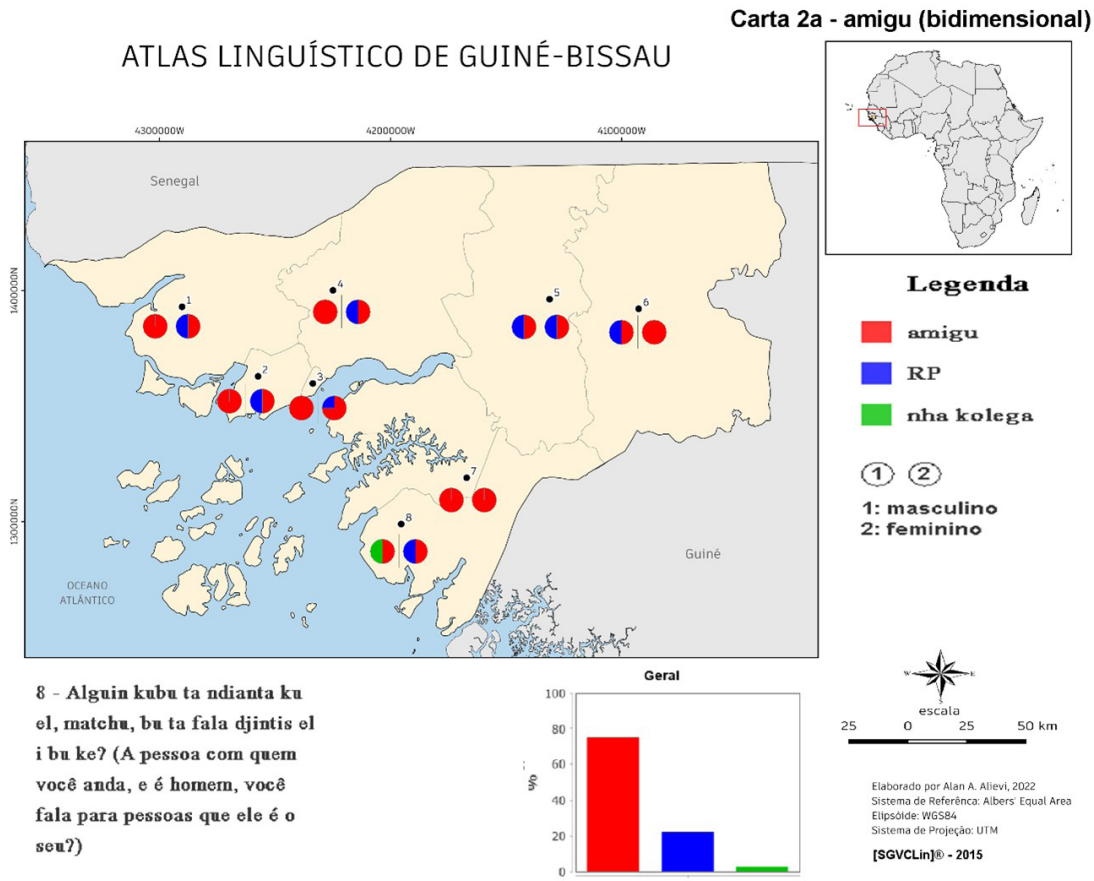

Figura 3 – Carta linguística experimental do Projeto Atlas Linguístico de Guiné-Bissau - variantes para a questão 08 – amigu .
Fonte: banco de dados do Projeto Atlas Linguístico da Guiné-Bissau.

Consoante já assinalado, nesta questão temos 8 respostas prejudicadas, o que é um número considerável quando se trata de apenas 36 informantes. Dessas, 6 são obtidas das mulheres. Contudo, essa omissão, em que algumas preferem não responder e depois comentam o porquê, deve-se primeiro às suas condições como mulheres e casadas e, segundo, como simplesmente mulheres e que, seguindo as "normas" de sua sociedade, não devem possuir uma relação de amizade para com homens alheios, o que não é, segundo elas, bem visto na sociedade guineense. Essas questões são atestadas nos relatos das informantes da segunda faixa etária e casadas, uma do ponto 4 (Bissorã), e outra do ponto 8 (Catió)**5**.

[5] Neste trabalho, são apresentados excertos das transcrições de fala dos informantes, inicialmente com a transcrição grafemática do guineense, seguida da transcrição ortográfica em português.

Excerto 1:

INQ. – alguin ku bu ta ndianta ku el, matchu, bu ta fala djintis el i bu ke?

INF. – nka tene kila de.

INQ. – a pessoa com quem você anda, e é homem, você fala para pessoas que ele é o seu?

INF. – não tenho isso, viu.

[Ponto 4 – Bissorã/Norte, tradução nossa]

Excerto 2:

INQ. – alguin ku bu ta ndianta ku el, matchu, bu ta fala djintis el i bu ke?

INF. – ...o i ma mi, o mas el, djintis na bin fala na utru sintidu.

INQ. – a pessoa com quem você anda, e é homem, você fala para pessoas que ele é o seu?

INF. – ...ou é mais velho do que eu, ou eu mais do que ele, as pessoas vão interpretar/pensar de outra maneira.

[Ponto 8 – Catió/Sul, tradução nossa]

Esses comentários retratam bem como é a relação entre ambos os sexos na sociedade guineense, em que há ainda uma separação do que é/deve ser do feitio de homens e do que é/deve ser do feitio das mulheres.

Em Guiné-Bissau, a fragmentação de homens e mulheres é nitidamente visível e dita que um indivíduo, enquanto homem, deve relacionar-se, no sentido de possuir amizades e grupos, com outros homens, e, enquanto mulher, deve fazer o mesmo com outras mulheres, o que também se faz presente no uso linguístico e outros comportamentos sociais. Portanto, qualquer manifestação contrária é considerada como um desvio das normas e, por vezes, acontecem preconceitos e represálias. Em outras palavras, mulheres devem fazer amizades com mulheres e homens devem fazer o mesmo com homens. Essa verdade é evidenciada até nas camadas juvenil e escolarizada. Não obstante, quando um homem possui amizade com uma mulher o julgamento é diferenciado por se tratar de um homem, aquele que tudo pode fazer e logo que puder; à medida que para mulher é o contrário, o que evidencia o machismo na sociedade guineense, que se reflete também no uso linguístico, inclusive.

Embora timidamente, deve-se aceitar aqui de que há mudanças vindas aos poucos no comportamento linguístico face ao machismo observado na sociedade guineense, porque as mulheres nessa sociedade estão se emancipando e mudando os paradigmas estabelecidos pelos homens. Conforme exposta na carta acima, na contemporaneidade, pode-se afirmar que muitas mulheres já não preocupam com quem se devem possuir um relacionamento de amizade, sejam elas das faixas I e II, consoante o comentário da informante 4, do ponto 6, que assim diz: INF. – *nha amigu* (meu amigo), e ao ser perguntada por que meu amigo, ela comentou o seguinte: INF. – *pabia abo i matchu* (porque tu és homem) referindo-se ao entrevistador.

Em suma, os resultados analisados nesta questão apontam para o fato de que a preferência dos falantes guineenses, seja ela diatópica, diastrática (escolaridade), diageracional e diassexual, é para uso da variante *amigu* quando se refere à pessoa chegada, com quem se possui relação de amizade. Porém com certas ressaltas na variável diassexual, visto que até mesmo perante esse século de grande e merecida/incontestável emancipação política feminina há ainda algumas mulheres preocupadas em manter comportamentos sejam eles sociais e linguísticos impostos sobre elas pelos homens, ditando o que se devem fazer e como etc. Passa-se agora para análise da questão 09.

Questão 09 – Amiga

A questão 09 refere-se à flexão de gênero e visa coletar as variantes que se usam para cognominar "Si i sedu femia gora, kuma kubu ta fala? (Se é mulher, como você fala?)". Os resultados obtidos para a questão apontam que os guineenses usam duas variantes: *amiga* e *amigu,* para indicar pessoa do sexo feminino.

A Figura 4 apresenta a produtividade das formas documentadas, em que se observa que 77.78% dos informantes têm preferência ao uso da variante *amiga*, um total de 28 ocorrências das 36 esperadas, ao passo que somente 5.56% desses falantes utilizam a sua variante concorrente, *amigu*, 2 ocorrências. As respostas prejudicadas somaram 16.67% do total, 6 ocorrências.

Geral

Número da questão: 9

Questão Si i sedu femia gora, kuma ku bu ta fala? (Si é mulher, como você fala?)

Variantes	Número de ocorrências	%
amiga	28	77.78%
RP	6	16.67%
amigu	2	5.56%
	36	

Figura 4 – Produtividade geral das variantes amiga e amigu.
Fonte: dados da pesquisa

De acordo com os dados, podemos observar que ao contrário da ordem canônica do guineense tradicional, discutido na seção fundamentos sobre a flexão de gênero no guineense, o moderno incorpora a flexão de gênero na sua variedade pelo morfema *a*, o que o diferencia significativamente de sua modalidade antiga (Couto, 1989; Cá, 2021). Ao serem perguntados se é que fazem a diferenciação de gênero por meio da flexão como se faz em português, os informantes afirmaram que sim, como evidenciado nos seguintes comentários:

Excerto 3:

INQ. – no ta diferensa es na "kiriol"?

INF. – "kiriol" sempre ta diferensa sexu, matchu ku femia.

INQ. – diferenciamos isso no "crioulo"?

INF. – o "crioulo" sempre diferencia sexo, homem e mulher.

[Ponto 3 – Bissau/sector autônomo, tradução nossa].

Excerto 4

INQ. – si i femia?

INF. – nha amiga.

INQ. – es ten na "kiriol, nha amigu, nha amiga?"

INF. – mbon, i suma ku nfalau... e espreson i ten na purtuguis, aos un dia no pegal na kiriol.

INQ. – mas kal kamada ku ta papia sin?

INF. - ...mpudi fala kamada juvenil.

INQ. – se é fêmea/mulher?

INF. – minha amiga.

INQ. – isso tem no "crioulo", meu amigo, minha amiga?

INF. – então, é como eu disse para você... essa expressão existe no português, hoje em dia nós a pegamos no "crioulo"

INQ. – mas qual é a camada que fala assim?

INF. - ...posso dizer que é a camada juvenil.

[Ponto 4 – Bissorã/Norte, tradução nossa].

Excerto 5:

INF. – i ta diferensa, i ta diferensa... si femia u ta fala nha amiga, si matchu u ta fala nha amigu.

INF. – diferencia, diferencia... si é mulher fala-se minha amiga, si é homem fala-se meu amigo.

[Ponto 7 – Buba/Sul, tradução nossa].

Excerto 6:

INQ. – si i femia?

INF. – mbon... i ta faladu kiriol ka tene inda ki di diferensia generu pa fala maskulinu, femininu... manga di bias nta odjal tantu matchu ku femia i ta faladu bonitu, bonitu. Ami un bias ntchiga di diskuti nfala... nau, mininu djira, alguin falan nau, djira kuma? Kiriol ka tene kila: djiru, djira, tantu femia u ten ku fala djiru. Ate na muzika di Binhan nde ki fala nkontra ku un badjuda bonitu, i ouvi kumentarius en termu di fans. Nfala: ma Binhan kuma ki fala badjuda bonitu, badjuda bonitu?! El propi i bin pasa pa un intrevista na radiu i fala: nau, el kil ki aprendi na kiriol puru bonita ka ten, or ku fala bonita, usta dja na miti purtuguis, enton el i na tenta kanta si kiriol propi di Guiné-Bissau, ku manda i fala i kontra ku badjuda bonitu. Gosi no ta fala dja mininu bonita pa mostra kuma el i femia.

INQ. – si é fêmea/mulher?

INF. – então... é dito que o "crioulo" não tem ainda aquela de diferenciar o gênero para dizer masculino, feminino... muitas vezes eu vejo que tanto para homem e mulher é dito bonito, bonito. Eu uma vez cheguei a discutir e disse... não, menino "esperta", e alguém me disse que não, esperta como? O "crioulo" não tem isto: esperto, esperta, tanto para mulher você tem que dizer "bonito". Até na música do Binhan em que ele disse eu encontrei com "um badjuda (menina) bonitu", houve comentários no que se refere aos fãs. Eu disse: por que Binhan disse "badjuda bonitu", badjuda bonitu"? Ele (Binhan) mesmo depois passou por uma entrevista na rádio e disse: não, o que ele aprendeu no "crioulo" puro/tradicional não há bonita, quando se diz bonita, já está a usar o português, então ele tenta cantar em seu "crioulo" próprio da Guiné-Bissau, por isso disse que encontrou com "badjuda (menina) bonitu". Agora já falamos "mininu bonita" para indicar que é menina/mulher.

[Ponto 3 – Bissau/sector autônomo, tradução nossa].

No primeiro comentário (excerto 3), ao usar os adjetivos *matchu* e *femia*, essa informante da faixa II parece aceitar que no guineense se faz a diferenciação de gênero, porém por meio do conceito biológico utilizando tais adjetivos. Porém, mediante o contexto da sua resposta, nota-se que ela se refere à atual forma de marcação do gênero nessa língua, como em português, por meio da flexão. Já no excerto 4, essa afirmação é explícita, em que a informante da faixa I admite que se trata da influência da língua portuguesa no guineense e é a forma como os jovens falam. O mesmo se evidencia no que a informante da faixa II, ponto 7 (excerto 5), relatou, ao afirmar que hoje se diz meu amigo, para homem, e minha amiga, para mulher.

No último relato (excerto 6), informante da faixa I (homem e com ensino superior), ponto 3, há que se tirar a conclusão de que apesar desta mudança já ter sido quase consumada, ou mesmo na sua totalidade, há falantes guineenses, assim como o informante em questão e o músico que ele citou, que ainda prezam pela ideologia da pureza linguística, por isso usou a expressão "kiriol puru" (guineense puro/tradicional).

À medida que alguns artistas e falantes do guineense preferem usar em suas obras literárias as formas linguísticas mais antigas, e consequentemente em suas falas, como forma de preservar o que acreditam ser a variedade mais pura e certa do guineense, tida como herança da geração anterior, segundo é o caso do músico Binhan, outros têm preferência ao uso da modalidade mais moderna em que se faz a flexão do gênero como no português, presente nas variadíssimas músicas dos músicos como o Justino Delgado (muito popular no país) e também a dupla musical de grande sucesso, Iva e Ichi, apesar desta variedade ainda sofrer preconceitos, o que é habitual nas avaliações que seres humanos fazem, já que, de acordo com Couto (1989, p. 118) "toda e qualquer mudança é encarrada pelo *status quo* como deformação".

Couto (1989), ao tratar desse assunto, aponta que no guineense moderno, que ele chamou do "crioulo aportuguesado", falado pelos estudantes, ocorre a flexão de gênero pela desinência feminino *-a*. Lucchesi (2009) chamou essa mudança que se verifica no guineense de descrioulização, pois seu resultado é sempre em direção ao português. Cá (2021), ao averiguar atentamente a questão do gênero nesta língua, conclui que a afirmação de que na sua modalidade moderna ocorre a flexão de gênero como em português é obviamente verídica, com algumas ressalvas.

Assim como na questão anterior, as variáveis diatópica, diastrática (escolaridade) e diassexual não nos forneceram muito que analisar nesta questão, já que a tendência aponta para a predominância do uso da variante amiga. Porém na variável faixa etária, variação diageracional, pode-se encontrar resultados interessantes para serem analisados, conforme veremos mais adiante.

No que diz respeito às variáveis diatópica e diastrática (escolaridade), observa-se que apesar de o uso da variante *amiga* ter sua origem no ponto inovador das variedades do guineense moderno, a capital Bissau, ponto 3, ela foi amplamente difundida e usada em todas as regiões da Guiné-Bissau. Percebe-se que entre as duas variantes em concorrência a *amiga* é a mais produtiva e está presente em todas as regiões do país, ao passo que a *amigu* só se encontra, e ainda em escala menor, nas duas regiões: ponto 4 – Bissorã e ponto 7 – Buba.

No concernente à escolaridade, assim como apontam Couto (1989) e Rougé (1986), admite-se aqui que a flexão de gênero no guineense por meio da desinência feminina *-a* tem como seus percursores os falantes escolarizados que por sua vez são responsáveis em difundi-la. Porém, como mostram os dados, os falantes com até ensino secundário têm adotado também essa variedade linguística, talvez seja por esta ser a variedade mais valorizada atualmente no país e que carrega em si certos privilégios linguísticos, visto que é a usada pela elite e pelos escolarizados. No que se refere ao sexo, a observação que se possa fazer é a de que o uso da variante *amiga* é comum tanto na fala dos homens quanto na das mulheres.

No que diz respeito à variável idade (faixa etária I e II), a mesma tendência para uso da variante amiga se atesta, porém a forma *amigu,* para se referir à pessoa do sexo feminino, ocorreu duas vezes e nas falas de dois senhores (ponto 4 e ponto 7), sendo estes os dois informantes mais velhos da nossa lista (Faixa II), um em cada ponto linguístico. Esperava-se, contudo, que a maioria dos falantes desta faixa etária usasse a variante *amigu*, uma vez que se refere às pessoas cuja variedade linguística é a tradicional. Os dados da pesquisa, porém, indicam que até mesmo os falantes da geração passada optam pela forma como falam a atual geração, ou seja, com a flexão de gênero, conforme nos evidencia a Figura 5.

No referente à variável idade, averiguando a exposição dos resultados na carta, denota igualmente que assim tanto para informantes da faixa I quanto para os da faixa II a tendência é a produção da variante amiga para indivíduo feminino com quem se anda e possui um relacionamento de amizade.

As duas únicas ocorrências de *amigu*, para se referir à mulher/pessoa do sexo feminino, foram de dois senhores, agricultores, casados e com filhos e netos, também sem escolaridade. Suas características, com certeza, influenciam suas formas de falar, e seus falares ainda resistem às novas formas, por mais que vivem no meio de outros falantes cuja variedade é a moderna. Quando perguntados se a pessoa é mulher, como se diz, o senhor do ponto 4 respondeu o seguinte: *INF. – memu son* (da mesma maneira/mesma coisa, tradução nossa).

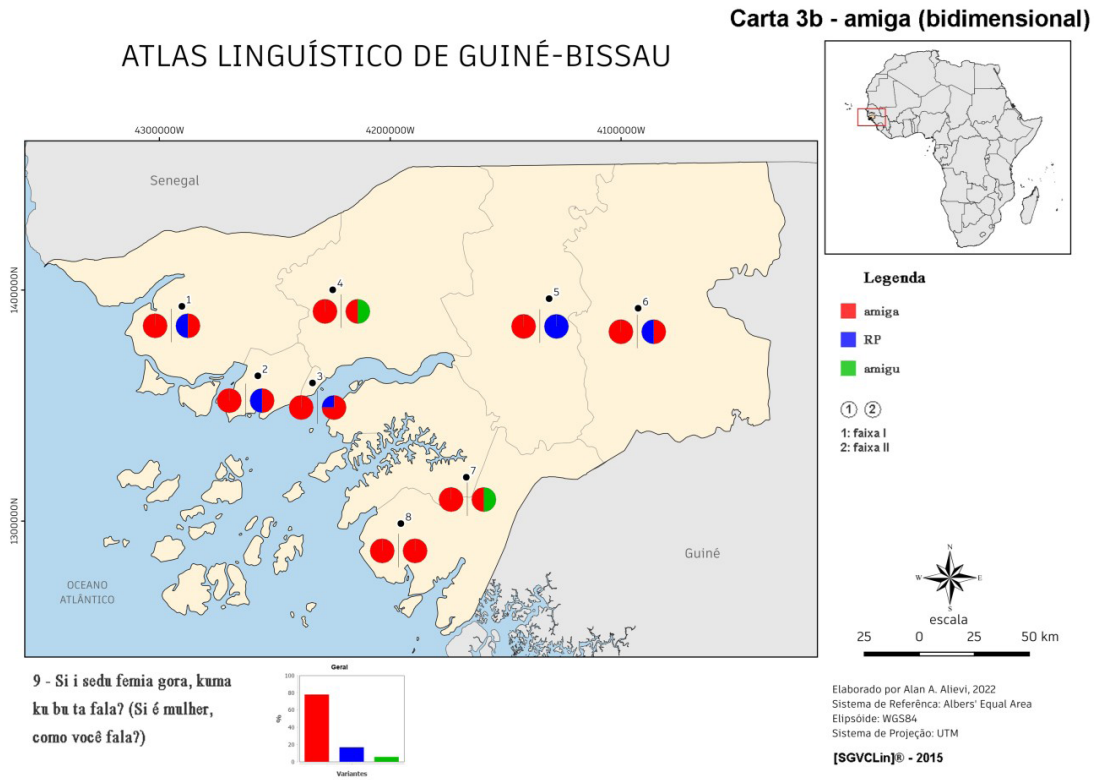

Figura 5 – Distribuição diatópica e diageracional das variantes para a questão 09.
Fonte: dados da pesquisa

O do ponto 7 fez este comentário: INQ. – si i femia? (se é fêmea/mulher?), *INF.* – *kila nha amigu tambi si femia* (é "meu amigo" também si é mulher, tradução nossa), o que nos mostra que, em se tratando do fenômeno linguístico em questão, mesmo com essa mudança linguística já evidente e consumada há ainda certos falantes, principalmente os mais velhos da faixa II, que resistem ao uso das novas formas, com pretexto de preservar a forma como falam há anos e a diferenciar da moderna.

Considerações finais

Nosso resultado permitiu-nos concluir que à medida que o tempo passa o guineense está em constante processo de variação e mudança linguística. As variáveis sociais responsáveis por esta mudança são, principalmente, a idade e a escolaridade, conforme dados prévios do Projeto Atlas Linguístico de Guiné Bissau, em andamento.

Depois de fazermos levantamento das respostas, chegamos à conclusão de que tudo indica que *amigu* e *nha kolega* são formas canônicas (no guineense tradicional em relação ao guineense moderno) usadas para cognominar um amigo ou uma amiga, no sentido da pessoa com quem possui uma relação de amizade, de troca de afetos. Entretanto, a depender da circunstância, essas formas podem ser acompanhadas pelos adjetivos matchu (macho) e femia (fêmea) para indicar um indivíduo do sexo masculino ou do sexo feminino.

Neste caso, o preenchimento dos adjetivos *matchu* e *femia* é feito quando se trata de uma conversa em que o interlocutor não faça ideia de quem se refere o locutor, se indivíduo do sexo masculino ou feminino, como, por exemplo, *nha amigu matchu* (meu amigo), *nha amigu femia* (minha amiga) ou *nha kolega matchu* (meu colega/amigo), *nha kolega femia* (minha colega/amiga).

No que se refere ao fenômeno discutido, vale dizer que no guineense moderno o gênero é marcado somente em alguns substantivos e adjetivos por meio da desinência/morfema indicadora do feminino, marcando, assim, uma ruptura com a sua modalidade mais antiga, em que se marcava o gênero exclusivamente por meio do conceito biológico.

Quanto às línguas étnicas africanas e o português no que se refere às suas influências no guineense, nossos dados apontam que esta língua recebeu a contribuição dos dois lados dos quais é proveniente, fato possível de verificar em sua estrutura vocabular e gramatical. Entretanto, no que concerne ao passado e presente, verifica-se uma questão de equilíbrio das influências da parte africana e europeia nesta língua.

Se no passado, desde seu surgimento até o final do séc. XX, a maior influência no guineense proveio das línguas africanas, hoje o rumo desta língua está em direção contrária, aproximando cada vez mais do português, sua língua lexificadora, sendo esta a língua de maior fonte de inspiração ao guineense moderno/atual. Os fatores que condicionam essa atual hegemonia da influência portuguesa no guineense em relação às línguas africanas da Guiné-Bissau devem-se ao mundo moderno, moldado pela visão eurocêntrica, que impera como modelo a ser seguida, o que também é percebido nos usos linguísticos.

Com a conclusão, o Atlas Linguístico de Guiné-Bissau que constitui uma extensa amostra da língua falada no país apresentará o mapeamento dessa língua em todo o território como forma de documentação e registo dos diversos fenômenos linguísticos que se fazem presentes no guineense. Além de ser o primeiro atlas linguístico do continente africano de que se tem conhecimento até o momento, ele contribuirá com dados/materiais de estudos para pesquisadores interessados em questões linguísticas da Guiné-Bissau e também aos gramáticos, dicionaristas e lexicógrafos para elaboração de seus materiais.

Referências

BARROS, M. M. O guineense. Capítulo I. Tradições e Ethnologia. *Revista Lusitana*, Lisboa, Antiga Casa Bertrand, p. 174-181, 1897-1899.

BARROS, M. M. *Literatura dos negros, Contos, Cantigas e Parabolas*. Lisboa: Typographia do Commercio, 1900.

BARROS, M. M. O Guinéense. Capítulo IV. Textos em Prosa e Verso. *Revista Lusitana*, Lisboa, p. 306-310, 1907.

BULL, B. P. *O crioulo da Guiné-Bissau*: *filosofia e sabedoria*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa; Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa, 1989.

CARDOSO, S. A. *Geolinguística*: tradição e modernidade. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

CARREIRA, A. *Cabo verde, formação e extinção de uma sociedade escravocrata*. Bissau: Centro de Estudos da Guiné Portuguesa, 1972.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB. *Atlas Linguístico do Brasil*: questionário 2001. Londrina: Ed. UEL, 2001.

COUTO, H. H. O crioulo guineense em relação ao português e às línguas nativas. *Linguística*, v. 29, n. 1, p. 107-121, 1989.

COUTO, H. H. O componente nasal das consoantes pré-nasalizadas do crioulo da Guiné-Bissau: um caso de extrassilabicidade? *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 31, n. 2, p.119-128, 1996.

DEWULF, J. E se todas as línguas fossem consideradas crioulas? Um olhar pós-colonial sobre a linguística. *In*: RIO-TORTO, G. M.; FIGUEIREDO, O. M.; SILVA, F. *Estudos em homenagem ao professor doutor Mário Vilela*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2014. p. 305-312.

INTUMBO, I. *Estudo comparativo da morfossintaxe do crioulo guineense, do balanta e do português.* 2007. Dissertação (Mestrado em Linguística Descritiva) da Faculdade de letras da Universidade de Coimbra. Coimbra, p.139, 2007.

LUCCHESI, D. A concordância de gênero. *In*: LUCCHESI, D.; BAXTER, A.; RIBEIRO, I. (org.). *O português afro-brasileiro*. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 295-318.

LUCCHESI, D.; BAXTER, A. A transmissão linguística irregular. *In*: LUCCHESI, D.; BAXTER, A.; RIBEIRO, I. (org.). *O português afro-brasileiro*. Salvador: EDUFBA, 2009.

MENDONÇA. R. *A influência africana no português do Brasil.* Apresentação de Alberto da Costa e Silva, prefácio de Yeda Pessoa de Castro. Brasília, FUNAG, 2012.

NARO, A. A study on the origins of pidginisations. *Langugges*, v. 54, n. 2, p. 314-347, 1978.

PETTER, M. M. T. Aspectos morfossintáticos comuns ao português angolano, brasileiro e moçambicano. *PAPIA*, v. 19, p. 201-220, 2009.

ROMANO, V. P.; SEABRA, R. D.; OLIVEIRA, N. [SGVCLin] – Software para geração e visualização de cartas linguísticas. *Revista de Estudos Linguísticos*, Belo Horizonte, v. 22, n. 1, p. 119-151, 2014.

ROUGÉ, J. L. A formação do léxico dos crioulos portugueses da África. *PAPIA*, v. 15, p. 7- 17, 2005.

ROUGÉ, J. L. Uma hipótese sobre a formação do crioulo da Guiné-Bissau e da Casamansa. *Soronda – Revista de estudos guineenses*, n. 2, p. 28-49, 1986.

SCANTAMBURLO, L. *Dicionário do Guineense, vol. I:* Introdução e notas gramaticais. Lisboa: Colibri, FASPEBI, 1999.

SCANTAMBURLO, L. *O léxico do crioulo guineense e as suas relações com o português: o ensino bilíngue português-crioulo guineense*. p. 371. Tese (Doutorado em Linguística, especialidade de Lexicologia, lexicografia e terminologia) – Universidade Nova de Lisboa. Portugal, 2013.

SEDRINS, A. P.; SILVA, C. R. T. Padrões de concordância de gênero e número no sintagma nominal em variedades africanas do português. *Revista Leitura*, v. 2, n. 59, p. 85-105, 2017.

TIMBANE, A. A.; CÁTIA, M. O crioulo da Guiné-Bissau é uma língua de base portuguesa? Embate sobre os conceitos. *Revista de Letras Juçara*, Caxias, v. 2, n. 2, p.107-126, 2018.